

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

JOÃO VICTOR SOUSA RODRIGUES

**A FESTA DO CHÁ:
AS REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS DE *ALICE'S ADVENTURE IN
WONDERLAND* NA CULTURA POP E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA
IMAGEM ARQUETÍPICA**

TERESINA

2022

JOÃO VICTOR SOUSA RODRIGUES

**A FESTA DO CHÁ:
AS REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS DE *ALICE'S ADVENTURE IN
WONDERLAND* NA CULTURA POP E A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA
IMAGEM ARQUETÍPICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial à conclusão do curso, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Romário Nunes.

TERESINA

2022

JOÃO VICTOR SOUSA RODRIGUES

**A FESTA DO CHÁ: AS REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS DE *ALICE'S
ADVENTURE IN WONDERLAND* NA CULTURA POP E A
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA IMAGEM ARQUETÍPICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da
Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial
à conclusão do curso, sob a orientação do Prof. Dr.
Francisco Romário Nunes.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.
Presidente

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Dedico este trabalho à todas as “Alices” que se encontram por aí. Loucas, estranhas, sonhadoras. Que permaneçam sempre únicas e fiéis ao seu “*Wonderland*”.

Sentada, com os olhos fechados, quase acreditou está ela mesma no País das Maravilhas, mesmo sabendo que quando abrisse os olhos novamente tudo voltaria a ser chata realidade de sempre (CARROLL, 1865, p. 122).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos deuses que estão sempre presentes na minha vida, me guiando, aconselhando, iluminando e protegendo;

Agradeço à minha Tia Tâmara que primeiro me incentivou a buscar aprender uma segunda língua, em especial o Inglês, e me apoiou durante toda minha carreira acadêmica. À minha vó Lêda Fausto, que sempre soube, até antes de mim, que Letras – Inglês era o melhor caminho, e à minha mãe Thaysmara, grande fonte de inspiração, e dedicação para o *Hard Work*;

Agradeço também ao Pedro Augusto, meu amor, minha vida, que igualmente me apoiou e incentivou a fazer esse curso e a persistir e esteve comigo nos altos e baixos da graduação. À Silmara Castro e Alcides Valeriano, pela força e ajudas sempre muito bem-vindas e à Fernanda Fernandes, amiga, conselheira e imensuráveis ajudas, principalmente nos inúmeros e cansativos trabalhos acadêmicos, assim também como Thalyta Arrais e Pedro Júlio, que igualmente sempre estão dispostos a ajudar, aconselhar, incentivar e dar forças.

A todos os meus colegas de classe, por serem, sem dúvida a melhor sala que eu poderia estar - sempre dispostos a ajudar e a proporcionar o crescimento da sala como um todo. Destaco Thamires Amorim e Mateus Ernesto, pela inesgotável fonte de inspiração profissional, pelo amor, carinho e refúgio que foram durante esses anos e pela amizade que levarei para a vida. E à Bruna Vitória e Eva Assunção por me acompanharem durante todo o processo de construção do TCC, por todo apoio mútuo e palavras de forças e incentivo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a cada professor que a sua maneira foram luz, apoio, incentivo, compreensão e dedicação durante o curso, principalmente à Profa. Dra. Maria Eldelita e Profa. Esp. Francisca Oliveira, ícones que carregarei para sempre no meu coração, fonte única de aprendizado e inspiração que conseguem tirar de nós o melhor. Ao meu muito estimado orientador, por todo o carinho e dedicação, pelos conselhos de ouro, pela empatia e iluminação, Prof. Dr. Romário

Nunes. E enfim, à Universidade Estadual do Piauí, pela oportunidade de oferecer um ensino público e de qualidade.

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada A Festa do Chá: As Referências Intermidiáticas de *Alice's Adventure In Wonderland* Na Cultura Pop e a Construção de uma nova Imagem Arquétipa, buscou observar os símbolos, por conseguinte, os novos arquétipos que a personagem Alice, do romance de Lewis Carroll, evoca hoje. O objetivo principal da pesquisa foi investigar o romance *Alice's Adventures in Wonderland* em comparação com as produções da música pop a partir de conceitos encontrados em Rajewsky (2012), Lefevere (1992) e Jung (2000). Esta é uma pesquisa qualitativa com abordagem comparativa. A personagem de Carroll, desde seu lançamento, vem constantemente se reinventando à medida que a sociedade, também, assim o faz. Pensando nessas transformações, principalmente em um contexto atual, esta pesquisa investiga as referências acerca da Alice na mídia, em especial no meio musical, e como essa inserção da personagem em um dispositivo midiático é capaz de alterar sua imagem, criando e ressignificando seus símbolos, trazendo à tona novos temas e conceitos a serem discutidos e que impactam as mais diversas áreas da sociedade. Diante disso, comprovou-se a hipótese de que a personagem Alice, inserida e reescrita na música pop, gera imagens diversas e diferentes do romance de Carroll, compondo outros arquétipos imaginários da personagem. Generates several and different images from Carroll's romance creating other archetypes around the character.

Palavras-chave: Alice; Arquétipo; Intermidialidade; Símbolos.

ABSTRACT

This very research, entitled *A Festa do Chá: As Referências Intermediáticas de Alice's Adventure In Wonderland Na Cultura Pop e a Construção de uma nova Imagem Arquétipa*, sought to observe the symbols, therefore, the new archetypes that Alice, the main character in Carroll's novel, evokes today. The main objective refers to investigate the novel *Alice's Adventures in Wonderland* compared to pop music productions related to key concepts found in Rajewsky (2012), Lefevere (1992) e Jung (2000). Therefore, this is a qualitative research with a comparative approach. Carroll's character, since the first publication, has been constantly reinvented as the society does so. It is regarding these changes, mainly in current society, that this research analyses Alice's references within the media, especially in music scenario, and how these references within media devices is capable of changing Alice's imagery, creating and reframing symbols, bringing up new themes and concepts to be discussed and to impact more diverse areas in society. With all this, the hypothesis that the character Alice, inserted and rewritten in pop music, generates several and different images from Carroll's romance creating other archetypes around the character was confirmed.

Keywords: Alice; Archetype; Intermediality; Symbols.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Pensamentos da Alice.....	26
QUADRO 2: A curiosidade.....	28
QUADRO 3: Quem é você?.....	28
QUADRO 4: Música 1.....	30
QUADRO 5: Música 2.....	33
QUADRO 6: Música 3.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CONSTRUÇÃO ARQUÉTIPA DA ALICE E SUAS REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS NO SÉCULO XXI.....	16
2.1 Alice Entre as Fronteiras Midiáticas.....	17
2.2 Novas Impressões e Interpretações da Alice Reescrita no Século XXI.....	20
2.3 A Formação Arquetípica da Alice: Símbolo e Mídia.....	22
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Tipo de Pesquisa.....	25
3.2 Amostra.....	25
3.3 Técnica de Coleta de Dados.....	26
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A Era Vitoriana, que corresponde ao reinado da Rainha Vitória, no Reino Unido, entre os anos 1837 e 1900, pode ser caracterizada como um contexto permeado por dualidade, em que, de um lado nos é apresentado uma época marcada por lutas políticas e de classes, crescimento econômico e industrial bem como populacional; e do outro lado, uma sociedade voltada para o místico e fantástico que eram, antes de tudo, poderosos combustíveis que alimentavam as imaginações e criatividade tanto de leitores como de escritores.

É esse o contexto do romance *Alice's Adventures in Wonderland* (*Alice no País das Maravilhas*), publicado em 1865, por Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll. Nascido em 27 de Janeiro de 1832 em Daresbury, Cheshire, Inglaterra, Carroll graduou-se em matemática pela *Christ Church College*, Oxford, o qual permaneceu como professor após sua formação, sendo autor de obras como *An Elementary Treatise on Determinants* (1867), *Euclid and His Modern Rivals* (1879), and *Curiosa Mathematica* (1888).

Os interesses de Carroll também se estendiam à fotografia, principalmente com o público infantil, sendo uma de suas mais famosas modelos Alice Liddell, filha do reitor da universidade católica o qual se formara e trabalhara, sendo ela, posteriormente, inspiração para o romance. Na escrita, se dedicava à poesia, a exemplo de "*The Hunting of the Snark*", embuindo seus versos com características fantásticas e com elementos possíveis apenas no âmbito da imaginação, os quais possuem forte impressão no seu mais conhecido romance, *Alice no País das Maravilhas*.

A narrativa do romance conta as aventuras de uma garota que, ao perseguir um coelho que muito lhe chamara atenção, acaba caindo em uma toca e é então transportada para uma terra fantástica, que inicialmente lhe apavora, mas, que rapidamente lhe fascina à medida que explora o lugar, bem como quando entra em contato com criaturas antropomórficas (comportamento e sentimento humano), que lhe instigam dúvidas e curiosidade.

A partir de seu lançamento, primeiramente no contexto Vitoriano, é possível perceber a formação de uma imagem arquetípica da personagem Alice, que, agora, começa a associar-se com características aventureiras, críticas, destemidas, que

estavam diretamente ligadas à experiencialização de um mundo fantástico. Essas características entram em contraponto com o comportamento e pensamento da sociedade vitoriana, que desencorajava o pensamento crítico, e tolhia a imaginação de uma sociedade alienada, principalmente, com os trabalhos fabris que exigiam jornadas de trabalhos de até 16 horas. Com características tão marcantes, a Alice começa a fazer parte do imaginário coletivo, criando imagem arquetípica da mesma, que “seria como núcleos ativados [...], cuja função seria organizar representações simbólicas em determinados padrões de comportamento” (VON FRANZ, 1992, p. 104).

Criado então o arquétipo da Alice, e levando em consideração sua importância para a literatura como uma personagem de um romance clássico inglês, as impressões da personagem tomaram conta do inconsciente coletivo, uma vez que “o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado. Ele consiste de formas preexistentes, arquétipos, que só secundariamente podem tomar-se conscientes, conferindo uma forma definida aos conteúdos da consciência (JUNG, 2000, p.54).”

Desse modo, as percepções que são feitas, hoje, acerca da Alice estão ligadas à um conjunto diverso de formas e características que a personagem foi adquirindo. Portanto, são heranças de uma imagem arquetípica que atravessam os contextos históricos e se adequam as transformações político-sociais e ideológicas, mas que permanecem guardadas no inconsciente coletivo modificando a personagem de Lewis Carroll à medida que a sociedade também foi se transmutando.

Nesse sentido, uma denominação ou característica outrora definidora do símbolo Alice não mais cabe em um contexto atual, seja porque o conceito foi ampliado ou porque novos conceitos foram incorporados à personagem.

De início, um ponto central na formação da personagem é a crítica implícita que o autor põe na obra, no que diz respeito à sociedade da época, sendo algumas delas o medo, ligado às rápidas transformações que a sociedade passava, e a visão da criança como um mini adulto, cujo os valores da época eram transmitidos tanto em um contexto escolar como familiar, não proporcionando um ambiente onde a criança poderia se expressar em toda sua criatividade e subjetividade.

Ao lerem a obra de Lewis Carroll, os leitores vitorianos eram apresentados à uma personagem que, antes de tudo, era criança, gerando no leitor um primeiro

“choque”, visto que crianças não costumavam ter destaque em uma sociedade que entendia a criança como um miniadulto, além da personagem fugir das características de uma criança daquela época sendo tanto corajosa e curiosa, como aventureira e criativa.

Esses elementos então permitiram a sociedade vitoriana formar um arquétipo de aventureira para a Alice e, atrelado a um ambiente *nonsense*¹ que o autor proporcionou, o arquétipo de sonhadora também passou a fazer parte de como se entendia a personagem.

Tomando por base esses dois arquétipos acima citados, e relacionando-os com o contexto atual, é possível ampliar esses arquétipos e a condensar novos conceitos que permitirão, assim, criar novas formas de perceber a personagem. Essas transformações, tanto arquétipas como no inconsciente coletivo, se devem também às diversas formas de intermedialidade, bem como as referências intermediáticas (RAJEWSKY, 2002) a qual a personagem foi sendo inserida, a saber, adaptações fílmicas, musicais e histórias em quadrinhos (HQs).

Nesse sentido, o conceito de reescritura proposto por Lefevere (1992) se faz importante para a análise dessa nova percepção e formação da Alice, uma vez que, atualmente, a personagem não é conhecida somente através dos livros, mas também através de suas diversas adaptações e reescrituras, que ao fazerem-se, criam também imagens alternativas e atualizadas da personagem. Lefevere explica que:

*In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature. These images existed side by side with the realities they competed with, but the images always tented to reach more people than the corresponding realities did, and they certainly do so now*² (LEFEVERE, 1992, p. 5).

Assim, pode-se entender por reescritores aqueles sujeitos que são tradutores, diretores, revisores, críticos, músicos etc., que produzem novas leituras acerca de uma obra de partida, e que, ao fazê-lo, imprimem em suas releituras

¹ Segundo Wim Tigges, o nonsense literário é “[...] uma tensão perfeita entre sentido e ausência de sentido. Tal equilíbrio não pode ser mantido com êxito se o texto parece ser sem sentido desde o início” (TIGGES, 1988, p. 4).

² No passado, como no presente, reescritores criaram imagens de um escritor, de uma obra, período, gênero, as vezes até de uma literatura como um todo. Essas imagens existiam lado a lado das realidades com as quais competiam, mas as imagens sempre tendiam a alcançar mais pessoas do que a realidade correspondente conseguia, e elas certamente o fazem hoje (LEFEVERE, 1992, p. 5, **tradução nossa**).

impressões pessoais acerca da obra de partida que são baseadas nos arquétipos presentes construídos no inconsciente coletivo. E, uma vez feita essa releitura, ela será capaz de dar um novo olhar à personagem, reciclando e/ou alterando o símbolo Alice.

A obra de Lewis Carroll, *Alice's Adventure in Wonderland*, tornou-se um clássico da literatura inglesa, sendo traduzida para mais de 171 idiomas, com mais de 100 milhões de cópias vendidas desde seu lançamento. A personagem Alice permeou diversas culturas e contextos históricos, ganhando, ainda hoje, adaptações para o cinema e sendo símbolo referencial essencial na construção de personagens em filmes, HQs e músicas pop.

A exemplo dessas releituras, de caráter também intermediário, tem-se as mais diversas expressões artísticas que vão desde adaptações filmicas que tiveram início no começo do século XX, com *Alice in Wonderland* (1903), e vem até hoje com *Alice Through the Looking Glass* (2016). E também referências intermediárias, como visto em *Matrix* (1999), em uma cena nos primeiros minutos do filme, onde na tela do seu computador aparece a frase: siga o coelho branco, seguido pela presença em cena de uma moça com a tatuagem do coelho; na série de televisão *Lost* (2004), com um episódio intitulado de “Através dos espelhos” e que constantemente aparece o símbolo do coelho durante o episódio; e na revista em quadrinho da *DC Comics*, com o personagem Chapeleiro Louco, dentro do universo de *The Batman*, (1948) na HQ de número 48.

No entanto, apesar de ser um símbolo vivo em nossa sociedade, presente em diferentes mídias, o tema Alice é abordado de diferentes formas, levando a se formar diferentes conceitos sobre essa personagem. Nesse sentido, o trabalho busca observar as transformações que a personagem passou através do tempo como forma de entender o seu arquétipo na sociedade atual, utilizando-se de um campo pouco observado, a saber, as representações musicais sobre a personagem, mas que se fazem importantes para entender a Alice no século XXI e como a mesma é representada.

Nesse sentido, a presente pesquisa tomou como objeto de estudo as canções *Just Like Fire* (2016), da cantora Pink, *What you waiting for* (2004), de Gwen Stefani e *Alice* (2010), da Avril Lavigne, a fim responder a seguinte pergunta norteadora: quais traços são construídos na linguagem musical (música pop de

língua inglesa) que reescrevem e reativam o imaginário coletivo acerca da personagem Alice na contemporaneidade?

As hipóteses elencadas nesta pesquisa para buscar responder a pergunta norteadora, foram: a personagem Alice, inserida e reescrita na música pop, gera imagens diversas e diferentes do romance de Carroll, compondo outros arquétipos imaginários da personagem; e a sociedade atual percebe a Alice como um símbolo de coragem, e que inspira autoconfiança e afirmação de si mesmo.

Tais hipóteses mencionadas anteriormente surgem, primeiro, levando em consideração que, desde 1865, a imagem da Alice marcou a sociedade de formas diferentes, criando e reescrevendo novos símbolos ligados à sua imagem que melhor se adequam à sociedade de cada época. Segundo, entendendo essas transformações que a personagem passa com o tempo, a pesquisa fez um recorte para o cenário *pop* do século XXI, levando em consideração que é possível encontrar menções à Alice em todas as esferas midiáticas, sejam elas cinematográficas, musicais ou escritas.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa buscou investigar os traços musicais do universo pop que foram construídos a partir de uma referência intermediária do romance de Lewis Carroll. Tais canções serão importantes para compreender como a personagem de Lewis Carroll é construída e quais arquétipos surgem a partir de temas expostos nas letras das músicas bem como os seus efeitos na contemporaneidade.

Com base nas comparações entre o romance e as músicas, esta pesquisa tomou como objetivos específicos, primeiramente, identificar os conceitos atribuídos à personagem que são capazes de formar um arquétipo da personagem no contexto atual; segundo, perceber as referências intermediárias presentes nas músicas pop que dão um novo olhar sobre a personagem; e, por fim, entender como as transformações da personagem ajudaram a formar a imagem arquetípica da personagem no inconsciente coletivo no início do século XXI.

Subentende-se que o romance *Alice's Adventure in Wonderland* influenciou o cenário do pop atual, com referências intermediárias que ajudam a reescrever a narrativa de Carroll, gerando outras formas de interpretar e construir o arquétipo da personagem. Assim, leva-se em consideração sua importância para a sociedade e também para a educação, uma vez que, formada o arquétipo da personagem em um contexto atual, possibilitará perceber como os novos leitores e/ou consumidores

entendem a personagem, bem como interagem com os novos temas relacionados a Alice a partir da intermedialidade.

Para tanto, este trabalho está dividido em seções, sendo que, em primeiro lugar, explora-se, brevemente, a sociedade vitoriana, a qual foi o ambiente de publicação da obra de Carroll inicialmente e explana-se os objetivos da pesquisa; seguida de informações importantes sobre a formação arquetípica da Alice e suas referências intermidiáticas no século XXI, apresentando os autores e conceitos-chaves utilizados nesta pesquisa, como o de intermedialidade (Rajewsky, 2012), Reescritura (Lefevere, 1992) e Arquétipo (Jung, 2000), dando base para as discussões acerca da representação da Alice em um contexto atual. Logo em seguida, o tipo de pesquisa e as técnicas de coleta de dados são expostos, seguidos da apresentação dos dados coletados, através de extratos da obra, e suas análises. Os extratos foram compostos tanto da obra original como das músicas pop já mencionadas procurando entender como a personagem é representada hoje e, por fim, são feitas considerações sobre as hipóteses, se se confirmaram ou não, e as perspectivas deste trabalho em influenciar novas pesquisas sobre o tema, bem como sua contribuição para a sociedade.

A seguir, apresenta-se as bases teóricas deste trabalho que influenciarão a posterior análise de dados.

2 A CONSTRUÇÃO ARQUÉTIPA DA ALICE E SUAS REFERÊNCIAS INTERMIDIÁTICAS NO SÉCULO XXI

A era Vitoriana foi marcada, dentre outras coisas, pelo rápido crescimento das cidades, pelas longas jornadas de trabalho e por conflitos políticos e econômicos que formavam, principalmente, um ambiente estressante psicologicamente. Nesse contexto, a população necessitava de algo que lhes trouxesse prazer, e a ficção, segundo Kate Flint:

[...] was a way of winding down; a mental space from the complicated business of running a home; a means of filling hours that for otherwise under-employed women were figured as "empty." [...] the average reader of novels "all he asks is that he may be amused and interested without taxing his own brains (FLINT, 2005, p. 20).³

Nesse sentido, a leitura era, para a sociedade vitoriana, um momento em que era possível relaxar de todo aquele dia corrido e estressante. E, assim, em 1865, tem-se a publicação de *Alice's Adventure in Wonderland* de Lewis Carroll, obra que virou cânone⁴ e que recebeu atenção de pesquisadores das mais diversas áreas durante esse tempo, contribuindo para pesquisas no campo da Psicanálise, Literatura, Semiótica e outras.

Temas encontrados na obra como o *Nonsense* influenciaram na pesquisa de Rosvitha Friensen Blume (2004), e discussões de identidade da personagem são encontradas no trabalho de Johannessen (2011). Tem-se também análise de imagens presentes no romance, como na dissertação de Rogeau (2005) e também contribuições nas áreas fílmicas, com o trabalho de Ferreira (2005) com uma análise acerca da tradução da obra literária para o cinema, no contexto dos estudos de intermedialidade.

Como mencionado no parágrafo acima, a personagem de Carroll e sua obra

³ [...] era uma maneira de relaxar; um refúgio mental longe do complicado negócio de administrar uma casa; um meio de preencher horas que, para as mulheres subempregadas, eram consideradas "vazias". Os leitores de romances "tudo o que eles pediam era que pudessem se divertir e se interessar sem sobrecarregar o cérebro." (FLINT, 2005, p. 05, **tradução nossa**).

⁴ Na literatura, é um conjunto de livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura. "Macunaíma", de Mário de Andrade, ou "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, podem ser consideradas obras cânones da literatura brasileira.

foram ganhando cada vez mais espaços em outras áreas como no cinema, nas revistas em quadrinhos e nas músicas. A personagem não só teve uma participação direta em adaptações como vista nos últimos trabalhos de Tim Burton, *Alice's Adventure in Wonderland* (2010) e James Bobin, *Alice Through the Looking Glass* (2016), mas também como referência midiática na cultura pop vista em *Matrix* (1999), *Resident Evil* (2002), quadrinhos da *DC Comics* (1948) e no cenário musical como em *Sunshine* de Aerosmith (2001).

2.1 Alice Entre as Fronteiras Midiáticas

Com o surgimento e o aprimoramento de novas tecnologias, as mídias ganharam papel fundamental na sociedade contemporânea capaz de estabelecer um vínculo entre meios midiáticos e sujeito, que vai além da utilização da mídia como simples veículo de informação, ou fontes de conteúdo, “mas, também, como ferramenta de interação e sociabilidade, propondo novas linguagens e outras formas de representar e narrar o mundo.” (LIMA, 2019).

É a partir de sua capacidade de promover interação social, lazer, informação, bem como de propor um novo olhar sobre o mundo a nossa volta e ressignificar conceitos ao nosso redor, que os dispositivos midiáticos tais quais o cinema, teatro, músicas, revistas em quadrinhos e outros ganham força e importância no nosso dia a dia desempenhando diferentes papéis, indo desde uma simples ferramenta de lazer, ou como instrumento de informação ou terapêutico, até como objetos de pesquisa.

Os mais variados temas, conceitos, ideias, personagens e construção de mundo podem ser percebidos através desses dispositivos midiáticos, os quais possuem tanto públicos bem definidos, como também com fronteiras mais diluídas em relação à outras mídias. Não obstante, dado o grande fluxo de informações, inovações tecnológicas e midiáticas, os quais proporcionam uma fluidez cada vez maior tanto nas mídias como nas artes, essas fronteiras têm se tornado cada vez mais próximas, abrindo espaço para fusões entre duas ou mais mídias formando uma complexa relação entre esses dispositivos midiáticos.

É a partir da fusão entre duas ou mais mídias que temas, conceitos, personagens literários ou folclóricos podem ser transpostos, referenciados ou mesclados dentro de diferentes mídias. Nesse sentido, observou-se que a personagem de Lewis Carroll, Alice, foi tema de diversas adaptações e referências

mediáticas, seja ela filmica, sendo a primeira em 1903 com *Alice in Wonderland*, dirigida por Cecil M. Hepworth e Percy Stow, até as mais famosas como a animação de 1951 produzida pela *Walt Disney Productions* e as produções *Live Actions*⁵, também da mesma produtora, lançadas em 2010 e 2016. A personagem também foi inspiração para músicas como em *Alice* de Lady Gaga (2020), e tema recorrente em *Matrix Resurrections* (2022), assim como em revistas em quadrinhos, pinturas e etc.

Essas adaptações e referências que a personagem sofreu desde seu lançamento fomentam um debate sobre intermedialidade que, conforme exposto por Rajewsky (2012) “[...] caracteriza-se por uma variedade de abordagens heterogêneas abarcando uma extensa rede de temas e perspectivas analíticas” (RAJEWSKY, 2012, p. 50). Essas perspectivas e temas são pontos importantes, uma vez que aqui pretende-se explorar a Alice em um contexto atual a partir de suas referências na cultura pop.

Essas abordagens heterogêneas das quais a autora se refere, são definidas por elas em três tipos de intermedialidade. A primeira diz respeito a “Intermedialidade no sentido de estricto de transposição midiática, a exemplo de adaptações fílmicas de textos literários, novelizações e assim por diante.” (RAJEWSKY, 2012, p. 58). Nesse sentido, trata-se então, de uma intermedialidade extracomposicional, uma transformação de uma mídia em outra mídia sem alterar sua forma ou significado.

O segundo tipo de intermedialidade exposto por Rajewsky é aquele referente apenas às combinações de mídias que:

Inclui fenômenos como ópera, filme, teatro, manuscritos iluminados/iluminuras, instalações computadorizadas ou *Sound Art*, história em quadrinhos, ou noutra terminologia, as chamadas formas multimídias, de mescla de mídia e intermidiáticas; (RAJEWSKY, 2012, p. 58).

Encontra-se em sua composição duas ou mais mídias resultando em uma nova forma midiática de arte ou gênero.

Por fim, o terceiro conceito que circula a intermedialidade está relacionado às referências que uma mídia pode carregar dentro de outro dispositivo midiático, “a exemplo das referências, num texto literário, a um certo filme, gênero fílmico ou cinema em geral (a escrita fílmica); idem a uma referência que um filme faz a uma

⁵ “(em filmes, etc.) ação envolvendo pessoas ou animais reais, não modelos ou imagens desenhadas ou produzidas por computador” (COLLINS, 2022).

pintura ou que uma pintura faz à uma fotografia, dentre outras” (RAJEWSKY, 2012, p. 58).

A referência intermediática dentre os três tipos citados, é a que mais rompe barreiras e propõe uma fusão entre os diferentes tipos de mídias. É devido a essas características que o presente trabalho focou especificamente sobre esse terceiro conceito, afim de entender como a imagem arquetípica da Alice é referenciada nos dispositivos midiáticos, em especial na música. Essas abordagens heterogêneas das quais a autora se refere, são definidas por elas em três tipos de intermedialidade. A primeira diz respeito a “Intermedialidade no sentido de estrito de transposição midiática, a exemplo de adaptações fílmicas de textos literários, novelizações e assim por diante”. (RAJEWSKY, 2012, p. 58). Nesse sentido, trata-se então, de uma intermedialidade extracomposicional, uma transformação de uma mídia em outra mídia sem alterar sua forma ou significado.

Em meio a essa fusão, ou cruzamento de fronteiras, mais especificamente se tratando das referências intermediáticas, elas:

Visam uma intermedialidade intracomposicional, a saber, uma participação direta ou indireta em mais de uma mídia, não só no decorrer do processo de formação, mas ainda na significação e/ou estrutura de uma dada entidade semiótica. (WOLF, 2005, p. 254 e 253 apud RAJEWSKY, 2012, p. 59).

O cruzamento entre esses dispositivos midiáticos permite uma alteração de significados, que se reconfiguram em novos sentidos, novas formas de arte ou gêneros midiáticos (RAJEWSKY, 2012), assim como afirma Werner Wolf, “a intermedialidade extracomposicional não vai afetar, necessariamente, o significado, ou a aparência externa de trabalhos ou performances particulares, enquanto que a intermedialidade intracomposicional assim o faz” (WOLF, 2005, p. 254).

É com o surgimento de novos significados e reconfigurações de sentidos nascidos da interação entre duas ou mais mídias, que se faz necessário entender como essas referências intermediáticas são ressignificadas a partir do momento em que são inseridas em outras mídias partindo de um olhar de terceiros seja sobre uma ideia, personagem, tema ou símbolo. Em outras palavras, que sentidos essas referências intermediáticas podem ganhar ou mudar ou até somar com conceitos já estabelecidos, sendo essas referências reescritas, agora, dentro de uma outra mídia.

2.2 Novas Impressões e Interpretações da Alice Reescrita no século XXI

Ao mesmo tempo que a personagem de Lewis Carroll rompe as fronteiras e se insere em outras áreas como cinema e música, ela também ganha novas interpretações, visto que os reescritores inserem suas próprias impressões sobre a obra, bem como baseiam suas impressões por um viés ideológico, segundo caracteriza Lefevere (1992, p. 05), e essas impressões ideológicas estão de acordo com o pensamento dominante da época, ocasionando, a exemplo da Alice, interpretações que variam de acordo com o contexto a qual está inserida. Sobre isso, Lefevere também expõe que:

If some rewriting are inspired by ideological motivations or produced under ideological constraints, depending on whether rewriters find themselves in agreement with the dominant ideology of their time or not, other rewritings are inspired by poetological motivations, or produced under poetological constraints (LEFEVERE, 1992, p. 07).⁶

Desse modo, os reescritores tem papel fundamental nas novas interpretações e significados que uma obra ou personagem ganha em meio ao contexto em que está inserido. E, à medida que nos afastamos de uma obra, principalmente pelas barreiras linguísticas, sendo, muitas vezes, difícil ler no idioma originalmente escrito, passa-se a conhecer aquela obra e/ou personagem através dos reescritores, que não necessariamente limitam-se a palavra, mas se utilizam de outras formas de reescrita, como a linguagem não-verbal.

Assim, as reescrituras visuais e/ou sonoras foram ganhando cada vez mais espaço, não limitando o conhecimento apenas aos livros, mas fazendo conhecer uma obra através de uma música, série e/ou referências explícitas, capazes de evocar no leitor uma imagem acerca da obra, mesmo que sem conhecer o original, mas que gera no leitor uma familiaridade com a obra e uma identificação a partir de símbolos reescritos e ressignificados tanto pelo reescritor, como pelo leitor que a alcançou.

Tal imagem evocada carrega em si tanto valores agregados pelo reescritor e sua interpretação e identificação com a obra original como também, agora, uma

⁶ Se algumas reescritas são inspiradas por motivações ideológicas ou produzidas sob restrições ideológicas, dependendo se os reescritores concordarem ou não com a ideologia dominante de sua época, outras reescritas são inspiradas por motivações poetológicas ou produzidas sob restrições poetológicas. (LEFEVERE, 1992, p. 07, **tradução nossa**).

interpretação e identificação pessoal do leitor acerca de uma dada releitura. Como afirma Lefevere,

When nonprofessional readers of literature [...] they say have “read” a book, is that they have a certain image, a certain construct of that book in their heads. That construct is often loosely based on some selected passages of the actual text of the book in question [...] supplemented by other texts that rewrite the actual text in one way or another. (LEFEVERE, 1992, p. 06).⁷

Dessa forma, seja direta ou indiretamente, os reescritores passam a ser agentes modeladores e/ou transformadores de conceitos, símbolos, imagens que estão presentes na obra original, e que nas obras reescritas ganham novos sentidos e impactam os leitores de diferentes formas, além de tocar em pontos onde inicialmente a obra original não pretendia ou não podia mencionar por questões ideológicas, por exemplo. Nesse sentido, Lefevere explica: *“These images existed side by side with the realities they competed with, but the images always tended to reach more people than the corresponding realities did, and they most certainly do so now”*. (LEFEVERE, 1992, p. 05).⁸ E isso se torna ainda mais perceptível quando levado em consideração o fluxo contínuo de informação e conteúdo que as mídias possuem hoje, aliado ao seu poder de alcance, cuja imagem ou ideia derivada de uma obra pode rapidamente atingir usuários de dispositivos midiáticos em comparação com a obra original, geralmente restrita aos livros físicos.

2.3 A Formação Arquetípica da Alice: Símbolo e Mídia

As imagens das quais Lefevere discute também são passivas de interpretações pelo indivíduo que a recebe, bem como as transformações à medida que elas são compartilhadas na sociedade. Tais imagens se transformam de acordo com o contexto - seja político, econômico ou histórico - e ganham, através do tempo, conceitos-chaves que se transformam em um significante, ativando, no indivíduo, um significado capaz

⁷ Quando leitores de literatura não profissionais [...] dizem “terem lido” um livro, na verdade eles possuem uma certa imagem, um constructo daquele livro em suas cabeças. Esses constructos são muitas vezes vagamente baseados em algumas passagens selecionadas do texto real do livro em questão [...] complementado por outros textos que reescrevem o texto real de uma forma ou de outra (LEFEVERE, 1992, p. 06, **tradução nossa**).

⁸ Essas imagens existiam lado a lado com as realidades com as quais competiam, mas as imagens sempre tendiam a atingir mais pessoas do que as realidades correspondentes, e certamente o fazem agora. (LEFEVERE, 1992, p. 05, **tradução nossa**).

de redefinir determinado símbolo. Entendendo melhor a ligação entre significado e significante Saussure explica que:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chama-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrata (SAUSSURE, 2005, p. 80).

Essas imagens acústicas são, por conseguinte, a imagem formada a partir de uma palavra que imprime, no indivíduo, um sentido. Prolongando a discussão sobre os símbolos, e entendendo-os como impressões psíquicas, Jung nos apresenta o conceito de arquétipo:

Os arquétipos não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa. Não podemos subestimar o alcance dessa constatação, pois ela significa nada menos do que a presença, em cada psique, de disposições vivas inconscientes, nem por isso menos ativas, de formas ou ideias em sentido platônico que instintivamente pré-formam e influenciam seu pensar, sentir e agir (JUNG, 2000, p. 90-91).

Entende-se então, que cada indivíduo carrega uma impressão em seu inconsciente. E este, que por sua vez, “são os conteúdos do inconsciente coletivo que nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade” (Jung, 2000, p. 53). Assim, as imagens arquetípicas que formamos são resultados de conceitos outrora estabelecidos e que nos foram transmitidos, acrescidos das transformações que ocorreram a partir de cada contexto.

Essas transformações e/ou formações de imagens arquetípicas estão ligadas majoritariamente, hoje, às representações, releituras e unidades discursivas que a mídia proporciona, especialmente pela noção de que a mídia reflete a realidade e que é amplamente perpetuada pelo discurso popular, mas também pela construção imagética de um determinado símbolo que a mídia oferece. Essa “construção”:

Implies neither an intention to deceive, nor an ability on the part of the media to determine our thinking. Instead, it suggests a vital interaction between the media's role in forming the 'frames for understanding' we construct in our heads about the material world, and the actuality of our behaviour and

attitudes. (MACDONALD, 2003, p. 14).⁹

Dessa forma, a mídia desempenha importante papel na consolidação da imagem arquetípica da Alice no cenário atual, que influencia a interpretação e difusão do seu conceito imagético, impactando e ressignificando a imagem da personagem já formada no inconsciente coletivo entre os consumidores desses dispositivos midiáticos. Herdadas de conceitos anteriores, as imagens de Alice, por meios das novas mídias, agregam novas ideias, símbolos e valores diferenciados à personagem.

Carregamos, portanto, outras impressões acerca de um mesmo símbolo e que são capazes de influenciar nosso pensar, agir, sentir e que ganham novo significado a partir das novas interpretações que damos. Nesse contexto, a personagem literária tem seus arquétipos atualizados e reescritos na cultura contemporânea, principalmente dentro da arte musical, gerando uma nova percepção acerca da Alice e, inserindo em sua bagagem novos temas a serem discutidos e que serão responsáveis pela nova formação de sua imagem arquetípa.

A seguir, a próxima seção tratará sobre a metodologia desta pesquisa, com os métodos utilizados, o tipo de pesquisa, a amostra e, por fim, a técnica da coleta de dados.

⁹ A noção de construção não implica nem uma intenção de enganar, nem uma capacidade da mídia para determinar nosso pensamento. Em vez disso, sugere uma interação vital entre o papel da mídia na formação das "molduras para a compreensão" que construímos em nossas cabeças sobre o mundo material e a realidade de nosso comportamento e atitudes. (MACDONALD, 2003, p. 14, **tradução nossa**).

3 METODOLOGIA

Trataremos aqui dos métodos que foram utilizados na realização da pesquisa, que consistiu na análise comparativa e descritiva da obra de Lewis Carroll, *Alice's Adventures in Wonderland* (1865) e das músicas pop *Just Like Fire* (PINK, 2016), *What you waiting for* (STEFANI, 2004) e *Alice* (LAVIGNE, 2011), a fim de perceber como a personagem é entendida hoje apoiando-se nos conceitos de Rajewsky (2012), Lefevere (1992) e Jung (2000).

3.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Justifica-se portanto, que a abordagem qualitativa foi essencial na pesquisa acerca da personagem literária Alice, de modo que o trabalho produziu uma leitura crítica acerca da obra de Lewis Carroll averiguando as mudanças nos arquétipos da personagem principal.

Nesse sentido, utilizou-se do método comparativo, a fim de entender como a personagem é caracterizada em um contexto atual, observando suas transformações e temas encontrados tanto nas músicas, como no livro de Carroll (1865). Para tanto, a pesquisa utilizou-se dos conceitos de intermedialidade e referências intermidiáticas encontrados em Rajewsky (2012), do conceito de reescritura proposto por Lefevere (1992) e do conceito de arquétipo e inconsciente coletivo encontrados em Jung (2000), que fundamentaram os procedimentos de leitura da obra, e análise das letras das canções.

3.2 Amostra

A amostra dessa pesquisa foi obtida através da leitura crítica do romance *Alice's Adventure in Wonderland*, de Lewis Carroll (1865), em comparação com as 3 músicas pop *Just Like Fire* (2016), *What you waiting for* (2004) e *Alice* (2011) das

cantoras Pink, Gwen Stefani e Avril Lavigne, respectivamente, com o objetivo de demonstrar a transformação arquetípica da personagem na cultura da mídia.

3.3 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados, por sua vez, deu-se através da leitura e análise da obra literária e das letras das canções, mapeando a transformação dos arquétipos da personagem Alice de acordo com os contextos e fenômenos culturais presentes no jogo intermediático. Dessa forma, buscou-se obter provas a respeito dos efeitos produzidos pela personagem Alice no inconsciente coletivo que orientam determinados comportamentos dos indivíduos. (MARCONI; LAKATOS, 1990). As discussões e análises referentes aos dados coletados estarão presentes na próxima seção.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A coleta dos dados e posterior análise dos mesmos foram acerca, primeiramente, da obra de Lewis Carroll, *Alice's Adventures in Wonderland*, publicado em 1865, e em seguida, três músicas do cenário pop que evidenciam os arquétipos da personagem Alice e como esses arquétipos se adequam ao contexto social do século XXI.

A primeira parte da coleta de dados que trata sobre as passagens do livro de Carroll foi destacada a partir de uma leitura que começou em 2 de Janeiro de 2022 e terminou em 2 de Fevereiro de 2022, levando-se em consideração trechos que expusessem traços marcantes da personagem que funcionassem como modelo de imagem arquetípica, seja ela pertencente apenas à sociedade do século XIX ou que venha se transformando juntamente com a sociedade até os dias de hoje.

A segunda parte, referente às músicas *Just like fire* (2016), *Alice* (2010) e *What you waiting for* (2004), também foi obtida em 2 de janeiro de 2022, seguindo o mesmo critério de observação anteriormente utilizado nos trechos do texto literário.

Já as análises aconteceram em 17 de Fevereiro de 2022 e tiveram fim em 01 de Março de 2022, observando as mudanças ocorridas desde o século XIX até o século XXI, e utilizando das teorias encontradas em Jung (2000), sobre arquétipo e inconsciente coletivo, intermedialidade proposta por Rajewski (2002), e releitura de Lefevere (1992) a fim de verificar a formação de arquétipos da Alice no contexto de publicação do romance, e quais arquétipos foram construídos desde então e como foram alterados à medida que a sociedade também mudou.

A seguir encontra-se primeiramente três quadros referentes ao romance de Lewis Carroll destacando passagens do livro onde pode-se encontrar os principais arquétipos referente à chegada da Alice no século XIX; e, posteriormente, três quadros que discutem a mudança, ressignificação e/ou esticamento dos arquétipos iniciais da Alice em outros arquétipos pertinentes ao século XXI.

Quadro 1: Pensamentos de Alice

<i>Alice's Adventures in Wonderland.</i> (CARROLL, 2002).

<p>“Para que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos” (CARROLL, 2002, p. 05).</p>
<p>“Quando eu for Duquesa”, ela falou (em um tom não muito esperançoso), “não vou usar pimenta em minha cozinha de jeito nenhum. Sopa cai muito bem sem isso. Talvez seja a pimenta que deixe as pessoas mal-humoradas,” ela continuou, bem feliz em ter descoberto um novo tipo de regra, “e o vinagre as deixa azedas... e a camomila as deixa amargas...e... e as balas de cevada e esses tipos de coisas é que deixam as crianças tão doces. Eu queria que as pessoas soubessem disso: então, eles não seriam tão suvinas com doces, sabe...” (CARROLL, 2002, p. 85).</p>
<p>“Como ela gosta de achar moral em tudo”, Alice pensou consigo mesma. (CARROLL, 2002, p. 86).</p>
<p>“Eu tenho o direito de pensar”, disse Alice asperamente começando a se sentir aborrecida. (CARROLL, 2002, p. 88).</p>
<p>“Você está pensando em alguma coisa, minha querida, e isso faz você esquecer de falar. Eu não posso lhe dizer agora qual a moral disso, mas vou lembrar num instante” – “Talvez não haja nenhuma”, Alice aventurou-se a observar. “Ora, ora, criança!” Retrucou a Duquesa, “Tudo tem uma moral, se você encontrá-la” e foi se apertando contra Alice enquanto falava. (CARROLL, 2002, p. 86).</p>

Fonte: o autor

No primeiro quadro, observa-se os pensamentos e questionamentos de Alice que dizem respeito ao arquétipo do crítico, questionador, tanto de si como do mundo a sua volta. Por todo o livro a personagem procura compreender o mundo o qual fora parar sempre com um olhar analítico, o que se mostrava diferente da realidade vivida na Era Vitoriana onde, sobretudo nas crianças, não era dado incentivo para se pensar e questionar a sociedade que estava inserida.

No século XIX, as crianças eram tão permeadas pelo contexto político e social quanto os adultos. Seja uma criança rica, a qual era dado oportunidade de estudo e leitura, ou de famílias pobres, as quais deveriam trabalhar nas indústrias a fim de complementar a renda familiar, as crianças eram vistas como miniadultos, e a educação deveria ser pensada tal qual. (ARIÉS,1981).

A educação dessas crianças era voltada principalmente para um caráter disciplinador, levando em consideração sempre a moral social a qual estivera

estabelecida e pronta para serem seguidas por elas, sem questionamento. Um exemplo disso é visto em uma longa conversa da Alice com a Duquesa, onde a cada instante a Duquesa cita uma moral retirada de toda aquela discussão. Alice, por fim, pensa: “Como ela gosta de achar moral em tudo, Alice pensou consigo mesma” (CARROLL, 2002, p. 86).

Assim, era ensinado à criança como se comportar, falar, pensar, deixando de lado a oportunidade de formar um pensamento crítico nessas crianças. No entanto, o primeiro ponto que vemos em Alice, através dos extratos acima, é a característica questionadora, e a liberdade de ter um pensamento crítico sobre o mundo a sua volta. É a partir desse ponto questionador, crítico de si mesmo e do mundo em que está, que um dos principais arquétipos da personagem que foi formado e que foi trazido até os dias de hoje.

Quadro 2: A Curiosidade

<i>Alice's Adventures in Wonderland. (CARROLL, 2002).</i>
Ardendo de curiosidade, ela correu pelo campo atrás dele, a tempo de vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo da cerca. (CARROLL, 2002, p. 06).
“Eu quase desejo não ter entrado na toca do coelho...mas, mas, é tão curioso, sabe, esse tipo de vida! Eu queria saber o que pode ter acontecido comigo. Quando eu lia conto de fadas, ficava imaginando que esse tipo de coisas nunca acontece, e agora eu estou aqui, no meio de um”. (CARROLL, 2002, p. 34).

Fonte: o autor

Um segundo ponto importante na construção do arquétipo da Alice desde seu lançamento em 1865 e que permanece até hoje, mesmo que alterado, dado às mudanças sociais ocorridas desde então, é a curiosidade, e o seu instinto aventureiro, característica muito presente na personagem, e ponto fundamental nas suas escolhas no decorrer do livro, principalmente escolhendo seguir o coelho branco para dentro de sua toca. Desse modo, o quadro dois, intitulado “A curiosidade”, retrata momentos em que a curiosidade da Alice fora decisiva para tomada de decisões durante sua jornada pelo País das Maravilhas.

Como mencionado anteriormente, não era encorajado nas crianças no século XIX que elas pensassem criticamente acerca de si mesmas e do contexto a qual estavam inseridas, tampouco a curiosidade era instigada, sendo, em contrapartida,

motivado um comportamento disciplinador e seguidor de ordens, de costumes e da religião, os quais estavam presentes na educação. (PASSAMAI, 2009).

Percebemos, então, mais uma vez, a tentativa de Lewis Carroll de criticar a sociedade naquela época, dando a uma personagem que é, primeiramente criança, uma característica questionadora, e também curiosa e aventureira. E é justamente esse arquétipo de aventureira que encontramos ainda hoje no inconsciente coletivo, quando, em um primeiro momento, pensa-se acerca de Alice.

Quadro 3: Quem é você?

<i>Alice's Adventures in Wonderland. (CARROLL, 2002).</i>
“Quem é você” perguntou a lagarta. (CARROLL, 2002, p. 41).
“Você!” desdenhosamente disse a lagarta, “Quem é você?” (CARROLL, 2002, p. 42).
“Bem! O que é você?”, perguntou a pomba. “Eu posso ver que você está tentando inventar alguma coisa.” (CARROLL, 2002, p. 49).
“Eu – eu não sei muito bem, Senhora, no presente momento eu sei quem eu era quando levantei hoje de manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então. (CARROLL, 2002, p. 41).
“Eu tenho visto muitas meninhas em minha vida, mas nenhuma com um pescoço como este. Não, não! Você é uma serpente, e não há porque você negar isso. Eu suponho que você agora vai me dizer que nunca comeu um ovo!” (CARROLL, 2002, p. 49).
“Eu não conheço nenhum”, disse Alice muito polidamente, sentindo -se agradecida por ter conseguido iniciar uma conversa. (CARROLL, 2002, p. 54).
“Se cada um se preocupasse com seus próprios negócios”, disse a Duquesa, rosnando roucamente, “O mundo giraria mais rápido do que gira” “O que não seria uma vantagem”, respondeu Alice, que sentia-se muito feliz pela oportunidade de mostrar um pouco do seu conhecimento. “Eu fico pensando, que trabalho deve ser fazer o dia e a noite! A senhora vê a terra leva vinte e quatro horas para girar em torno do seu eixo...” (CARROLL, 2002, p. 55).
“Oh você não tem saída”, disse o Gato, “nós somos todos malucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.” “Como você sabe que eu sou louca?”, perguntou Alice. “Você deve ser”, afirmou o gato, “ou então não teria vindo para cá.” (CARROLL, 2002, p. 60).

Fonte: o autor

Um fator marcante na personagem é, certamente, a formação de identidade e subjetividade, levando o autor a separar em seu romance um capítulo inteiro de sua obra, para levar o leitor a perceber as nuances de sua personagem. Uma figura importante que a Alice vê no País das Maravilhas é a Lagarta, que, insistentemente, pergunta – “Quem é você?” e ela em seguida responde que já não sabe mais quem é, dadas todas as circunstâncias de transformações que vivenciara há pouco tempo (CARROLL, 2002).

Levando em consideração os estudos de identidade e subjetividade encontrados em David Oswell (2006), onde a identidade é um processo instável e em constante transformação, aliado a temas de gênero, sexualidade, raça, dentre outros, percebemos a importância da personagem no século XXI para o processo de formação identitária do indivíduo a partir dos questionamentos encontrados na obra de Lewis Carroll.

Esse processo instável de identidade proposto por Oswell é encontrado no capítulo intitulado “Conselho de uma Lagarta”, uma discussão latente em torno da identidade da Alice, a qual é questionada insistentemente pela Lagarta. Desde sua entrada na toca do coelho até ali, Alice passou por constantes transformações, não conseguindo ainda responder com exatidão quem ela era. Alice responde a Lagarta que “eu sei quem eu era quando levantei hoje de manhã, mas acho que tenho mudado muitas vezes desde então.” (CARROLL, 2002, p. 41).

É justamente esse questionamento em torno do Eu, buscando compreender sua identidade, que influencia novas produções, sejam elas músicas, filmes, e outros produtos do mundo pop, que, a partir desse arquétipo aventureiro, curioso, questionador e crítico de si mesmo, que chega até a sociedade contemporânea, que influencia essas novas produções a aliar a Alice à discussões de gênero, de sexualidade e de outros processos identitários.

Sem dúvida, Lewis Carroll trouxe para a sociedade de sua época uma nova percepção acerca da criança, e mostrava para os leitores adultos novas formas de se relacionar com a sociedade. Conceitos envolvendo pensamento crítico, coragem, aventura e fantasia agora faziam parte da sociedade do século XIX, a qual estava, em contrapartida, mergulhada em lutas políticas, de classe e também via o crescimento

econômico e urbano em um contexto de uma jornada de trabalho longa e cansativa. Desde então, os arquétipos criados por Carroll permanecem no inconsciente coletivo e em constante processo de transformação.

Essas transformações que ocorreram no inconsciente coletivo serão melhores percebidas nas três músicas analisadas a seguir. A primeira, *Just like fire* (2016) interpretada pela cantora Pink. A segunda, *Alice*, interpretada por Avril Lavigne (2010), e por último *What you waiting for* (2004) cantada por Gwen Stefani. Ambas as músicas trazem em suas letras referências à personagem de Carroll, no entanto, com percepções em torno de sua imagem arquetípica renovadas e ressignificadas agora, com novas discussões que fazem parte do século XXI.

Quadro 4: Música 1

"Just Like Fire" (PINK, 2016). (From "Alice Through The Looking Glass" (2016) soundtrack).	
Áudio original	Tradução
I know that I am runnin' out of time I want it all, mm, mm And I'm wishin' they'd stop tryna turn me off I want it on, mm, mm And I'm walkin' on a wire, tryna go higher Feels like I'm surrounded by clowns and liars Even when I give it all away I want it all, mm, mm	Eu sei que estou ficando sem tempo Eu quero tudo, mm, mm E eu desejo que eles parem de tentar me deter Eu quero isso, mm, mm E eu estou andando em um fio, tentando ir mais alto Parece que estou cercado por palhaços e mentirosos Mesmo quando eu dou tudo Eu quero tudo, mm, mm
We came here to run it, run it, run it We came here to run it, run it, run it	Viemos aqui para vencer, vencer, vencer Viemos aqui para vencer, vencer, vencer
Just like fire, burnin' up the way If I could light the world up for just one day Watch this madness, colorful charade No one can be just like me any way Just like magic, I'll be flyin' free I'm 'a disappear when they come for me	Assim como o fogo, queimando o caminho Se eu pudesse iluminar o mundo por apenas um dia Veja essa loucura, charada colorida Ninguém pode ser igual a mim de qualquer maneira.

<p>I kick that ceiling. What you gonna say? No one can be just like me any way Just like fire, uh</p>	<p>Como se fosse mágica, estarei voando livre Não estarei aqui quando eles vierem atrás mim Eu chuto o balde. O que você vai dizer? Ninguém pode ser igual a mim de qualquer maneira Assim como o fogo, uh</p>
<p>And people like to laugh at you 'cause they are all the same, mm See I would rather we just go a different way than play the game And no matter the weather, we can do it better You and me together, forever and ever We don't have to worry 'bout a thing, no, 'bout a thing</p>	<p>E as pessoas gostam de rir de você porque eles são todos iguais Eu preferiria seguir um caminho diferente do que seguir as regras E não importa o que aconteça, podemos fazer melhor Você e eu juntos, para todo o sempre Não temos que nos preocupar com nada, não, com nada</p>
<p>So look, I came here to run it Just 'cause nobody's done it Y'all don't think I can run it But look, I've been here, I've done it Impossible? Please Watch, I do it with ease You just gotta believe Come uh, come uh with me</p> <p>Oh, what's a girl to do? (What, what?) Hey, what's a girl to do? (What, what?) Oh, what's a girl to do? (What, what?) Ooh, what's a girl to do?</p>	<p>Então olhe, eu vim aqui para vencer Só porque ninguém fez isso Vocês acham que eu não consigo Mas olha, eu estive aqui, eu fiz isso Impossível? Por favor Assista, eu faço isso com facilidade Você só precisa acreditar Venha uh, venha uh comigo</p> <p>Oh, o que uma garota pode ou não fazer? (O quê, o quê?) Oh, o que uma garota pode ou não fazer? (O quê, o quê?) Oh, o que uma garota pode ou não fazer? (O quê, o quê?)</p> <p>(Tradução nossa).</p>

Fonte: o autor

A música “*Just like fire*” interpretada pela cantora Pink, presente no álbum original do filme *Alice Através do Espelho*, traz uma discussão acerca do processo identitário do Eu, em comparação ao outro. A música é uma releitura da obra de Lewis Carroll, a partir de uma imagem arquetípica da personagem Alice, vista e entendida como única, dada as suas características sejam elas questionadoras, aventureiras, dentre outras.

Essa imagem chega ao século XXI como uma mensagem de empoderamento do Eu, e de suas características singulares, reforçada pela música no seguinte verso: “Ninguém pode ser igual a mim afinal de contas” (PINK, 2016). A música exalta a subjetividade do indivíduo em comparação ao outro (OSWELL, 2006), principalmente no que se refere a padronização imposta pela sociedade, seja ela com relação a pensamento, sexualidade, beleza etc., igualmente percebida na música no trecho “porque eles são todos iguais.” (PINK, 2016).

Um outro aspecto presente na canção e que atribui um novo símbolo à imagem arquetípica quando se pensa na personagem, está ligado ao empoderamento da mulher em relação as suas escolhas e vontades, e como é questionado a todo instante a sua capacidade de execução e/ou vitória no que diz respeito a seus objetivos. Isso pode ser observado nos trechos seguintes: “E eu desejo que eles parem de tentar me deter”; “Então olhe, eu vim aqui para vencer. Só porque ninguém fez isso vocês acham que eu não consigo. Mas olha, eu estive aqui, eu fiz isso”; “o que uma garota pode ou não fazer?” (PINK, 2016).

Apesar do contexto machista onde, principalmente a mulher, sofria pressões sociais para se comportar, falar, sentar, agir de acordo com as convenções estabelecidas para o seu gênero, as quais eram ditadas pelo homem, Alice sempre manteve suas características de questionadora, exploradora e crítica do meio à sua volta, mesmo inserida em um contexto que repreendia tais comportamentos, principalmente em mulheres. Nesse sentido, Mary Pimentel Drumontt explica que “O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades,” (DRUMMONTT, 1980, p.81).

Desse modo, a imagem da personagem se transforma, no século XXI, como forte símbolo de empoderamento feminino, contraventor, que não se limita ao que o sistema machista impõe enquanto regra a ser seguida ou como ele define o que é ser

mulher, nem tampouco aceita o “sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina” (DRUMONTT, 1980, p. 81), que por sua vez, vê posto em xeque suas capacidades e qualidades seja intelectuais ou físicas, sendo descreditada de suas vitórias particulares.

Assim, ancorado na imagem arquetípica da Alice como única ou excêntrica, símbolo presente no inconsciente coletivo e que o acompanha até hoje, a música *Just like fire* (PINK, 2016), tanto evidencia esse arquétipo como ressignifica, redefine esse arquétipo agregando novos conceitos que são pertinentes ao século XXI. Tão logo se ouve o nome Alice, o arquétipo que imediatamente se forma é o de empoderamento, seja ele de gênero ou identidade, está ligado a autoaceitação e autoafirmação diante de uma sociedade que pode, dentre muitas coisas, oprimir.

Quadro 5: Música 2

"Alice" (LAVIGNE, 2010). (From "Alice In Wonderland" (2010) soundtrack).	
Áudio original	Tradução
Trippin' out Spinnin' around I'm underground, I fell down Yeah, I fell down	Viajando por aí De bobeira Eu caí, fundo Sim, eu caí
I'm freakin' out So where am I now? Upside down And I can't stop it now It can't stop me now, Oh	Estou enlouquecendo então, Onde estou agora? De cabeça para baixo E eu não posso parar agora Isso não pode me parar agora, Oh
I, I'll get by I, I'll survive When the world's crashin' down When I fall and hit the ground I will turn myself around Don't you try to stop it! I, I won't cry	Eu, eu vou conseguir Eu, eu vou sobreviver Quando o mundo está desmoronando Quando eu caio e me machuco Eu sou capaz de superar Não tente me parar! Eu, eu não vou chorar

<p>I found myself (myself) in Wonderland Get back on my feet again Is this real? (Is this real?) Is it pretend? (Is it pretend?) I'll take (I'll take) a stand (A stand) until (Until) the end.</p>	<p>Eu me encontrei (eu) no País das Maravilhas Me reinventei Isto é real? (Isto é real?) É fingimento? (É fingimento?) Eu vou (eu vou) ser firme (ser firme) até (Até) o fim. (Tradução nossa).</p>
--	---

Fonte: o autor

Um dos arquétipos encontrados em Alice é, sem dúvida, o de sonhadora. E isso se deve ao fato da escrita *nonsense* de Lewis Carroll, bem como todo o ambiente fantástico do País das Maravilhas. No entanto, à medida que as discussões acerca de Alice e de seu ambiente carnavalesco (BAKHTIN, 1982), foram se aprofundando nas sociedades atuais, o arquétipo sonhador foi agregando outros significados e se interligando a outros modos de definir a personagem, a partir da experientialização do leitor com o contexto o qual vivencia.

Assim, pode-se encontrar ligado ao arquétipo sonhador e ao próprio tema *nonsense* de Alice, o arquétipo do louco. Segundo Augusto Rodrigues, “O inconsciente integra numa mesma linha de compreensão não apenas a loucura e a não-loucura, mas o próprio *nonsense* em nós mesmos – sonhos e atos falhos, como exemplos, foram munidos de significação simbólica. (JÚNIOR, 2015). Essas transformações arquetípicas em torno dos sonhos, e da própria loucura, passam a integrar cada vez mais o inconsciente da sociedade atual, sendo objeto de releitura visto na música Alice, onde se questiona “eu estou enlouquecendo então, onde eu estou agora?” (LAVIGNE, 2010).

A partir do momento em que esses arquétipos se adequam a um novo contexto, o qual permitiu sua transformação e/ou esticamento de seu símbolo, esse arquétipo passa a dialogar com as mais diversas situações daquela sociedade. Não é apenas uma literatura fantástica, ou loucura própria da personagem; essas imagens arquetípicas perpassam o leitor de modo que toque no ponto de pertencimento e de reconhecimento de si mesmo e do ambiente o qual está inserido.

Entende-se por loucura, enquanto arquétipo, aquela conceituada em Foucault, não necessariamente patológica, embora ainda assim, podendo ser considerada por

outrem, mas aquela social, de lugar de alienação, de discursos discordantes. Para Foucault:

A noção que historicamente construímos de loucura é aquela associada ao desatino, algo que já implica uma (má) escolha pelo comportamento errante e desregrado, escolha imoral e presumidamente inferior. O louco, em toda história da loucura, jamais foi inocente. A loucura esteve confrontada em suas relações com a adequação moral e sanitária muito mais frequentemente do que esteve associada à genialidade ou criatividade. Desde o Classicismo, uma percepção da loucura enquanto adoecimento, enquanto risco para a sociedade começou a se delinear, sendo referenciada como fator de “desorganização da família, desordem social, perigo para o Estado.” (JÚNIOR apud FOUCAULT, 1997, p. 80).

Nesse sentido, a loucura vista em Alice e em seu mundo *nonsense* se tornou parte essencial na construção de sua imagem arquetípica. Conseqüentemente, as alterações no inconsciente coletivo acerca da Alice têm a ver com a mudança social ocorrida desde seu lançamento em 1865, e se revelam, principalmente, na representação daqueles que são “loucos” diante de uma sociedade que marginaliza e julga sua subjetividade, mas que se “encontram no País das Maravilhas.” (LAVIGNE, 2010).

É somente no “País das Maravilhas” que a “loucura” e os sonhos ganham voz. Enquanto a sociedade silencia os ditos loucos, como explica Foucault: “A internação clássica enreda, com a loucura, a libertinagem de pensamento e de fala, a obstinação na impiedade ou na heterodoxia, a blasfêmia, a bruxaria, a alquimia – em suma, tudo o que caracteriza o mundo falado e interditado da desrazão; a loucura é a linguagem excluída” (FOUCAULT, 2006, p. 215), Alice inspira coragem, principalmente em mostrar quem você é, com suas particularidades, desejos, sonhos, inspira acreditar que seus sonhos são válidos e que podem se tornar realidade.

É estando no seu próprio “País das Maravilhas”, que seus sonhos, devaneios, ganham forma, cor, vida e passam a ser cada vez mais reais. Sua criatividade não tem limites, sua imaginação pode correr livremente sem julgamentos, sem o risco de esbarrar na fronteira do que a sociedade delimita de possível e não possível, de racional ou loucura. Seus sonhos, toda sua criatividade e imaginação não são silenciadas.

E, assim, ligado ao arquetipo do louco, o arquetipo do sonhador também se modificou, não é mais apenas um mundo de sonhos e fantasia, mas sim um símbolo de esperança, de que seus sonhos e objetivos pessoais possam se tornar realidade,

se impondo frente à uma sociedade que marginaliza, limita e silencia seus objetivos: “Não tente me parar!” “Eu vou (eu vou) ser firme (ser firme) até (Até) o fim” (LAVIGNE, 2010).

Percebe-se, por fim, que a música Alice não só modifica os conceitos de loucura e sonhos, mas interliga esses dois conceitos em um arquétipo de tal maneira que o mesmo dialogue com as percepções acerca desses conceitos na sociedade atual. O louco outrora patológico, e o sonhador, um viajante entre o real e a fantasia, se transformam no louco-sonhador, majoritariamente fiel aos seus sonhos, seus desejos, que eleva suas características criativas, e que por isso mesmo um louco, descreditado de suas conquistas por uma sociedade que limita tanto sua criatividade quanto suas vitórias.

Quadro 6: Música 3

"What You Waiting For?" (STEFANI, 2004).	
<i>Gwen Stefani</i>	
Áudio original	Tradução
What an amazing time What a family How did the years go by? Now it's only me	Que momentos maravilhosos Que família! Como o tempo passou rápido Agora sou só eu
Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock (La la la la la la la)	Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock (La la la la la la la)
Like a cat in heat stuck in a moving car A scary conversation Shut my eyes, can't find the brake What if they say that you're a climber?	Como um gato no cio preso em um carro em movimento Uma conversa assustadora Fecho meus olhos, não consigo parar E se disserem que você é uma interesseira?

<p>Naturally I'm worried if I do it alone Who really cares 'cause it's your life You never know, it could be great Take a chance 'cause you might grow Oh, oh oh</p>	<p>Naturalmente eu estou preocupado se eu fizer isso sozinha Ninguém realmente se importa porque é a sua vida Você nunca sabe, pode ser ótimo Arrisque, porque você pode crescer Oh oh oh (tradução nossa)</p>
<p>What you waiting What you waiting What you waiting What you waiting What you waiting for!?</p> <p>Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock</p>	<p>O que você está esperando O que você está esperando!?</p> <p>Tick tock Tick tock Tick tock Tick tock</p>
<p>Take a chance you stupid hoe Like an echo pedal, you're repeating yourself You know it all by heart Why are you standing in one place? Born to blossom, bloom to perish</p>	<p>Dê uma chance sua vadia estúpida Como um pedal de eco, você está se repetindo Você sabe tudo de cór Por que você está parada no mesmo lugar? Nascido para florescer, flor a perecer</p>
<p>Your moment will run out 'Cause of your sex chromosome I know it's so messed up how our society all thinks (for sure) Life is short, you're capable (uh huh) Oh, oh oh</p>	<p>Seu momento vai acabar Por causa do seu cromossomo sexual Eu sei que é cruel como nossa sociedade pensa (com certeza) A vida é curta, você é capaz (uh huh) Oh oh oh</p>
<p>LOOK AT YOUR WATCH NOW! YOU'RE STILL A SUPER HOT FEMALE! YOU GOT YOUR MILLION DOLLAR CONTRACT! AND THEY'RE ALL WAITING FOR YOUR HOT TRACK!</p>	<p>VEJA O SEU RELÓGIO AGORA! VOCÊ AINDA É UMA MULHER SUPER GOSTOSA! VOCÊ CONSEGUIU SEU CONTRATO DE MILHÕES DE DÓLARES! E ELES ESTÃO TODOS ESPERANDO PELA SUA CANÇÃO DE SUCESSO!</p>

<p>I can't wait to go Back and do Japan Get me lots of brand new fans Osaka, Tokyo You Harajuku girls Damn, you've got some wicked style...</p>	<p>Mal posso esperar para ir Voltar ao Japão Conquistar muitos novos fãs Osaka, Tóquio Vocês meninas <i>Harajuku</i> Caramba, você tem um estilo irado...</p> <p>(Tradução nossa).</p>
--	--

Fonte: o autor

Um outro tema bastante presente na obra de Carroll e ponto importante apresentado por Gwen Stefani na sua música “*What you waiting for*”, e que é o último arquétipo analisado aqui, diz respeito ao tempo e como as noções de temporalidade vistas em *Alice no País das Maravilhas* se relacionam com o tempo percebido e entendido na sociedade contemporânea e o simbolismo que ele carrega.

Em sua obra, Carroll apresenta, inicialmente, o tempo na figura do coelho, sempre correndo apressado e atrasado: “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo está muito atrasado!” (CARROLL, 2002, p. 06). Posteriormente, as noções de tempo e como os habitantes do “País das Maravilhas” o entendiam e como se relacionavam com ele, são melhores exploradas no capítulo 7 do livro, nas conversas entre a Alice, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março e o Leirão.

A conversa gira em torno de charadas, mas logo é interrompida pelo Chapeleiro Maluco que questiona “Que dia do mês é hoje?, perguntou virando-se para Alice. [...] Alice pensou um pouco e então falou: é dia quatro. Dois dias errado, suspirou o Chapeleiro.” (CARROLL, 2002, p. 65). Logo em seguida Alice observa:

“Que relógio engraçado!” ela observou. “Ele diz o mês e não diz as horas!” “Porque deveria?” Resmungou o chapeleiro. “Por acaso seu relógio diz o ano que é?” “É claro que não”, Alice replicou rapidamente, “mas é porque o ano permanece por muito tempo o mesmo”. “Este é exatamente o caso do meu”, disse o chapeleiro. Alice sentiu-se terrivelmente perturbada. O comentário do chapeleiro parecia para a menina completamente sem sentido”. (CARROLL, 1865, p. 65).

Por fim, cansada de tentar entender o que o Chapeleiro tentara falar, Alice comenta que se deveria gastar melhor o tempo, do que com charadas sem sentido, ao passo que o Chapeleiro Maluco responde: “Se você conhecesse o tempo tão bem

quanto eu conheço, o chapeleiro falou, não falaria em gastá-lo como se fosse uma coisa. Ele é uma pessoa. [...] É muito provável que você nunca tenha falado com o tempo.” (CARROLL, 2002, p. 66).

Percebe-se então que o País das Maravilhas parece ter sua própria lógica de entender e se relacionar com o tempo. O tempo parece não fazer sentido, e os personagens parecem constantemente perdidos no tempo, ou simplesmente não carregam o mesmo peso de tempo que o mundo “real” traz consigo no dia a dia. Ele é visto, inclusive, como uma pessoa próxima, um amigo que pode conceder favores, bastando sussurrar no relógio seu desejo. Assim, Carroll se desfaz daquela caracterização assustadora do tempo e tenta aproximá-lo do leitor de forma mais lúdica, oferecendo uma concepção única sobre o tempo, convidando o leitor a também definir o tempo à sua maneira.

Em contrapartida à concepção de Lewis Carroll, levando em consideração a constante preocupação com o tempo e a produtividade do mesmo na sociedade atual, o tempo pode ser entendido como o tempo linear, Cronos. Em Platão, tem relação com “esse tempo de passagem, da mudança, em que nada permanecesse, tudo é consumido, em que existe a vida e a morte” (AUGUSTO, 1989, p. 7); já em Bergson, caracteriza-se como o tempo pertencente ao devir, um processo contínuo de mudança, “um tempo real, cujas propriedades fundamentais são a sucessão, a continuidade, a mudança, a memória e a criação” (COELHO, apud BERGSON, 2004, p. 238).

Essa preocupação com o tempo que se agravou no século XXI:

A relação de tempo na sociedade contemporânea é um verdadeiro caos. O tempo coletivo foi suprimido pelos afazeres e horários individuais. Os ritmos social e informacional são muito intensos e as queixas de que “não se tem tempo para nada”, “não existe mais tempo livre”, uma constante. (BARCELOS, 2009).

O dia a dia segue um cronograma de horários pré-determinados, e sua não execução implica em estresse, ansiedade, insegurança, que por sua vez, podem levar a bloqueios, sejam criativos, físicos ou emocionais.

Desde o título da música “O que você está esperando” até trechos como “Como o tempo passou rápido”, “Tick tock”, “VEJA O SEU RELÓGIO AGORA” expõem a preocupação da cantora em conseguir executar seus objetivos em uma corrida constante contra o tempo, ao passo que é cobrada a produzir “Uma canção de

sucesso” e lembrada a todo momento que a sua imagem de “Supermulher gostosa” não é para sempre, uma hora acaba.

Em meio a esse turbilhão de cobranças e ansiedades que elas geram, a cantora recorre ao “País das Maravilhas” como um lugar de refúgio. É somente nesse mundo “fantástico”, onde o tempo se torna subjetivo (KANT, 1980), que o indivíduo se desvencilha das cobranças e pressões do mundo “real”. Nesse mundo é possível se conectar com seus sonhos, criatividade, sua imaginação está livre, e não há cobranças nem tempo determinado para execução, o indivíduo tem o seu próprio tempo, não é mais algo que ele luta contra, se torna, todavia, aliado. O tempo se torna símbolo de crescimento pessoal, de amadurecimento de suas emoções, objetivos, que transforma inseguranças causadas pela constante corrida contra o tempo e o sucesso ou fracasso advindo do mesmo levando a aprovação ou reprovação social, em superação, em sentir que “você é capaz” (STEFANI, 2004).

Todos esses conceitos permeiam o inconsciente coletivo e agregam na imagem arquetípica do tempo, vista, por exemplo, na música *“What you waiting for”* de Gwen Stefani, cuja canção incorpora um discurso social de que não se deve temer o tempo, mas torná-lo seu aliado, de seguir uma “aventura” rumo ao seu próprio mundo das maravilhas, assim como Alice seguiu o coelho branco e entender que o tempo gasto no seu País das Maravilhas será como um momento de “crescimento”, onde sua criatividade não está amarrada à cobranças e delimitações cronológicas estabelecidas por outrem. Assim, é preciso arriscar, de “dar uma chance” a essa viagem para dentro de si, levando o tempo que for preciso para se conectar com seus sonhos, desejos, criatividade e imaginação que facilmente se perdem na correria do dia a dia (STEFANI, 2004).

Na próxima seção deste trabalho, serão apresentadas as considerações finais acerca das discussões levantadas nesse trabalho monográfico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alice no País das Maravilhas aborda diversos temas, dentre eles o *nonsense* trazido pelo autor, traduzido, principalmente, na representação do mundo das maravilhas que apresenta um cenário peculiar, bem como põe em relevância uma protagonista que foge dos moldes da sociedade de sua época. Sobretudo se tratando de uma protagonista criança, questionadora e extremamente imaginativa, características que ainda continuam ativas na imagem da personagem percebidas pela sociedade hoje, uma vez que a construção da personagem Alice ainda permanece no inconsciente coletivo influenciando temas essenciais na sociedade moderna.

Pensando exatamente nas influências que a personagem trouxe consigo para a sociedade contemporânea, é que este trabalho encontrou suas bases para a produção da pesquisa. O objetivo geral buscou, portanto, investigar o romance *Alice's Adventures in Wonderland* (CARROLL, 1865), em comparação com as produções da música pop *Just Like Fire* (PINK, 2016), *Alice* (LAVIGNE, 2011), *What you waiting for* (STEFANI, 2004), a partir do conceito de intermedialidade proposto por Rajewsky (2012) e reescritura encontrada em Lefevere (1992), com foco na análise da personagem Alice e quais imagens arquetípicas, conceito encontrado em Jung (2000), que são construídas hoje.

Assim, a primeira das duas hipóteses formuladas para pesquisa que diz respeito à personagem Alice - e que está inserida e reescrita na música pop - gera imagens diversas e diferentes do romance de Carroll, compondo outros arquétipos imaginários da personagem - o que verificou-se e comprovou-se a partir das letras das músicas analisadas aqui. Em cada uma das músicas, a imagem da Alice evoca um símbolo diferente. Dentre os arquétipos analisados, destacam-se os de aventureira, crítica e sonhadora. Tais arquétipos foram sendo reconfigurados e adequados a um contexto contemporâneo, dando margem, assim, para a criação e percepção de outras imagens arquetípicas relacionadas à temas como o tempo, feminismo, loucura e identidade, que se relacionam com as mudanças políticas, históricas e sociais que ocorreram desde o século XIX.

A segunda hipótese versava sobre a sociedade atual perceber a Alice como um símbolo de coragem, e que inspira autoconfiança e afirmação em si mesmo. Esta hipótese, assim como a primeira, também se confirmou. As três músicas apresentadas e analisadas aqui, apesar de se conectarem com diferentes facetas da personagem de Carroll, mantiveram como tema recorrente uma mensagem de empoderamento de si, de autoaceitação e afirmação de si mesmo frente à sociedade, de coragem para lutar por seus sonhos e objetivos, de fazer acreditar em suas próprias capacidades, e de suas conquistas.

Entendendo a importância da personagem para a Literatura, o livro que virou cânone, e que o mesmo ainda continua a influenciar a sociedade de hoje, perpassando as mais variadas idades, o presente trabalho utilizou-se de um campo pouco explorado, a saber, as representações da personagem de Lewis Carroll no meio musical pop do século XXI. Nesse contexto, foram observados e discutidos os diferentes símbolos, temas e, portanto, arquétipos, que a personagem é capaz de elucidar atualmente no inconsciente coletivo e que são transmitidos e ressignificados nos diferentes dispositivos midiáticos, em especial o musical.

As ideias, análises e conclusões presentes nesta pesquisa formam base e fomentam futuras discussões nas áreas de literatura, intermedialidade, reescritura, arquétipo, literatura comparada e possibilidades de análises dos vídeos das músicas trabalhadas aqui, seja por um viés semiótico ou por meio da análise do discurso, visto que a sociedade cada vez mais se utiliza de meios midiáticos como forma de interação social, lazer e informação. Além disso, a pesquisa agrega áreas, outrora afastadas, cujas fronteiras transpassam por entre si as diversas mídias, sejam elas músicas, literatura, filmes etc. e são responsáveis por evocar em seus espectadores diferentes conceitos acerca de um mesmo tema.

Por fim, este trabalho também busca contribuir para a sociedade na medida em que propôs uma reflexão crítica tanto sobre a obra literária, como sobre as referências à obra presentes no cenário pop, em particular nas músicas objetos de estudo. Assim, observou-se como a Alice é percebida hoje com um novo público de leitores e/ou espectadores nos mais variados ambientes sociais, inclusive com contribuições para a educação, abordando novos temas percebidos na personagem a partir de um contexto atualizado.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **Históriasocial da criança e da família**. Trad. Dora Flaskman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Estudos sobre o tempo: O tempo na Filosofia e na História**. São Paulo: IEA/USP, 1989.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Tempo e indivíduo no mundo contemporâneo: o sentido da morte**. São Paulo: v .5 n.1-2. Psicol. USP, 1994. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167851771994000100012. Acesso em: 07 de jul. de 2022.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

BAKHTIN, M . **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARBOSA, Hamilton Elias. **A Construção Histórica do Sentimento de Infância. (2007)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Coordenação do Curso de História – Universidade Salgada de Oliveira – UNIVERSO, Goiânia, 2007.

BARCELOS, Bruna Sareddine. **A relação Sociedade x Tempo x Trabalho: Como o uso do tempo e a dedicação ao trabalho podem influenciar a vida pessoal e social do ser humano contemporâneo. 2009**. Trabalho de conclusão de Curso. Coordenação do Curso de Graduação em Produção Cultural – Universidade Federal Fluminense – UFF, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/a-relacao-sociedade-x-tempo-x-trabalho-como-o-uso-do-tempo-e-a-dedicacao-ao-trabalho-podem-influenciar-a-vida-pessoal-e-social-do-ser-humano-contemporaneo#:~:text=A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20tempo%20na,tem po%20livre%E2%80%9D%2C%20uma%20constante>. Acesso em: 07 de jul. de 2022.

BLUME, Rosvitha Friesen. **A narrativa de Kafka nas bordas do nonsense**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

CARROLL, Lewis. (Charles Lutwidge Dodgson). **Alice no país das maravilhas**. Trad. Clélia Regina Ramos. Petropolis: Editorial Arara Azul, 2002. Título Original **Alice's Adventure In Wonderland**. Reino Unido, 1865.

COELHO, Jonas Gonçalves. **Ser do tempo em Bergson**. São Paulo: Interface - Comunic., Saúde, Educ., v. 8, n. 15, p. 233-46, mar/ago, 2004.

COLLINS. In **Collins Dictionary**. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/live-action>. Acesso em: 07 de jul. de 2022.

DAVID, Deirdre. **The Victorian Novel**. Inglaterra: Cambridge University Press, 2001.

DEZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo**. São Paulo: Perspectivas, 1980.

FERREIRA, Carolina Carvalheiro. **Alice 3D e o fantástico mundo de Tim Burton**. Rio Grande do Sul: Centro Universitário Franciscano – Unifra, 2010.

FLINT, Kate. The Victorian novel and its readers. In DAVID, Deirdre. **the Victorian novel**. Inglaterra: Cambridge University, 2001. p. 17-36..

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung O Homem Criativo**. São Paulo: FTD, 2003.

JACOB, Jolande. **Complexo Arquétipo Símbolo: na psicologia de C. G. Jung**. Tradução: Margit Martincic. São Paulo: Editora Cultrix, 1957.

JOHANNESSEN, Finn-Henning. *Master's Thesis*. In **English Literature**. Faculty of Humanities, Social Sciences and Education. University of Thomsø: Noruega, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy; Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Perrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. In GRINBERG, Luíz Paulo. **O homem Criativo**. São Paulo: Edgard Blücher, 2017.

JÚNIOR, Augusto Rodrigues da Silva; CARVALHO, Maura Cristina. **Loucura e morte em Alice no País das Maravilhas: Alteridade e Revolução na Escrita de Carroll e no Inconsciente Freudiano**. São Paulo: **Revista Interface**. v. 2, n. 23, jul/dez, 2015.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Trad. Valério Rohden; Udo Baldur Mossburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LAVIGNE, Avril Ramona. **Alice**. Buena Vista Records, 2010. Disponível em:

<https://youtu.be/YI4m-l2yRZA>. Acesso em: 03 de jan. de 2022.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London: Routledge, 1992.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Mídia: Narrativa, Discursos e História**. In RÊGO, Ana Regina; LEAL, Ranielle; FURTADO, Thalyta Arrais; FERREIRA, Vinícius (Org.). Curitiba: Editora Apris, 2019. p. 7-11.

MACDONALD, Myra. **Exploring Media Discourse**. 1. ed. Great Britain: Arnold, 2003.

MARTINS, André Ferrer Pinto. **Concepções de estudantes acerca do conceito de tempo: uma análise à luz da epistemologia de Gaston Bachelard. (2004)**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2004.

MARTINS, Francisco Meneses; ROCHA, Paulo Jung. **A construção do imaginário-futuro na mídia brasileira**. Universidade FEEVALE, Rio Grande do Sul, 2004.

NETO, Antônio Vieira de Andrade. **Brevíssimos Comentários sobre o tempo**. Feira de Santana: Sitientibus, n.17, p.15-26, jul./dez. 1997.

NUNES, Isaias Barbosa. **O trabalho Infantil na Revolução Industrial Inglesa: Uma contribuição ao Trabalho Docente na Sétima Série**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009.

OSWELL, David. **Culture and Society: An Introduction to Cultural Studies**. London: SAGE Publications, 2006.

PALMEIRA, Fabio Bispo. **Desigualdade De Gênero: O Machismo Reinante na Sociedade**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/direito/desigualdade-genero-machismo-reinante-na-sociedade.htm>. Acesso em: 08 de jul. 2022.

PASSAMAI, Gislaine de Lima; SILVA, Joice Ribeiro Machado da. A história a educação infantil. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Ano VII. n. 13, janeiro, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Fernanda%20Fernandes/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20XIX.pdf> Acesso em 08 de jul. de 2022.

PROVIDELLO, Guilherme Gonzaga Duarte; YASUI, Sílvio. **A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, out.-dez. 2013, p.1515-1529.

RAJEWSKY, Irina. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. In DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares. (Org.). **Intermedialidade e estudos interartes: Desafios da Arte Contemporânea 2**. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. p. 51-74.

REIS, José. *Estudo sobre o tempo*. Coimbra: **Revista Filosófica de Coimbra**. n.9, p. 143-203, 1996.

ROCHA, Guilherme Magri da; ZANOTO, Sérgio Augusto. **Caldecott, Kipling, Rossetti**: Textos Infantis Vitorianos. São Paulo: Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013.

ROUGEAU, R. Nichole. **Alice's Shadow**: childhood and agency in Lewis Carroll's photography, illustrations and Alice texts. Louisiana: University and Agricultural and Mechanical College, 2005.

SANDBERG, Martin Max, SCHUSTER, Johan Karl, MOORE, Alicia B., HOLTER, Oscar Thomas. **Just like fire**. In: HART, Alecia Beth Moore (Pink). RCA, Walt Disney, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/5Nrv5teMc9Y>. Acesso em 03 de jan. de 2022.

SANTOS, Aldenise Cordeiro; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. *O Segundo Sexo De Simone Beauvoir*: Estudo Acerca Da Construção Do Conceito Mulher. In 10º encontro nacional de professores, 11º Fórum permanente internacional de inovação educacional. **Anais**. Aracaju: Universidade Tiradentes-Campus Farolândia, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Charles Bally; Albert Sechehaye. (Org.) 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHROEDER, Silvia C. N; SCHROEDER, Jorge L. **Música como Discurso**: Uma perspectiva a partir da filosofia a partir do círculo de Bakhtin. Paraná: Música em Perspectiva, v. 4, n. 2, setembro de 2011.

STEFANI, Gwen; PERRY, Linda, **What you waiting for**. In: STEFANI, Gwen. Álbum: Love. Angel. Music. Baby. Interscope, 2004. Disponível em: <https://youtu.be/q08QSRDg7Aw>. Acesso em 03 de jan. de 2022.

THOMAZIN, Angelica Micoanski. **Notas Sobre As Produções Nonsense de Edward Gorey (1925 - 2000) E De Edward Lear (1812 - 1888)**. Acre: Revista Communitas v. 1, n.1, (Jan-Jun) 2017.

TIGGES, Win. **An Anatomy of Literary Nonsense**. New York: Rodopi, 1988.

WOLF, W. Intermediality. In HERMAN, D.; RYAN, M. L. (Eds.). **The Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005.